

A mulher na janela do ônibus

Ignácio de Loyola Brandão

para Daniela Sodeyama

Sentado na plataforma, ele viu o ônibus se aproximar e parar diante de seu banco. Alguns passageiros desceram, fechando os casacos, abrigando-se em cachecóis. Rodoviária deserta, a luz no interior do ônibus acesa. Então, ele viu o rosto da mulher achatado contra o vidro embaçado. Era morena e tinha uma pequena pinta junto ao lábio superior. Ela não pareceu tê-lo visto, porque se levantou, mexeu no alto do bagageiro e apareceu recortada na janela olhando uma revista. Não dava para ver o tipo de revista. O vidro embaçado pelo calor no interior do ônibus e pelo frio na plataforma, atrapalhava. Folheava, folheava, não dava a sensação de estar lendo ou interessada, antes mostrava-se entediada.

A mulher levantou-se, fez breves alongamentos com os braços, moveu a cabeça para um lado e para o outro. Teria sido uma viagem longa? De onde vinha o ônibus? A mulher sentou-se de novo e ficou batendo com as unhas nos dentes. Um tique? Depois, começou a tirar o esmalte de uma unha usando outra unha. Ela massageou os ombros. Há quantas horas estava viajando?

De onde vinha? Para onde ia? Quem era, como se chamava, o que fazia? E se entrasse no ônibus e fosse conversar com ela? Ia dar a idéia de um conquistador barato de rodoviária. Ele tinha uma autocrítica violenta, preocupava-se com a própria imagem,

era tímido demais para ousar um gesto desses. Como admirava homens sem o menor escrúpulo, ou desconfiômetro, que assediam abertamente com as cantadas mais clichês, tolas e primárias. Pela sua mente passaram vinte frases para iniciar uma conversa que impressionassem. Qualquer uma delas ia revelar que se tratava de uma cantada banal, de um solitário, em uma noite fria, numa rodoviária de quinta, em uma cidadezinha perdida no norte do Estado. Ele foi olhar o letreiro da frente para ver o destino final do ônibus. *Cambuquira*, uma cidade termal. Iria fazer uma estação de águas? Coisa de gente velha, reumática, artrítica, não de uma jovem bonita como aquela. Agora, ela sorria. Teria lido uma coisa engraçada na revista? Não dava para ver o título da revista. Ela riu de novo, foi quase uma gargalhada, atirando a cabeça para trás. Tinha os dentes brancos, ainda que o embaçado da janela (devia estar quente dentro do ônibus) não permitisse ver detalhes. E se entrasse e fosse logo dizendo: – Vi você rindo, fiquei curioso! O que é que te faz rir desse jeito? Ela responderia? Tinha o rosto irônico. E se desse uma resposta ríspida, zombeteira, um chega para lá? Teria que chegar com uma resposta pronta a um chega para lá: – Não é por nada, não! Mas fiquei tão contagiado com o teu riso que resolvi perguntar. Não havia nada ofensivo, nenhuma invasão, não era cantada, não pareceria

assédio, mas era bom. E se perguntasse: – Que revista você está lendo que te faz rir assim? Simples. Tudo tem de ser simples, uma vez que ele não se julgava dotado de nenhuma originalidade nem charme. Além disso, a beleza daquela mulher o fascinava, deixando-o quase paralisado. Assim que nasce o amor? Como um choque, uma visão repentina, um medo? Ela riu de novo e ele não suportou a sua covardia. Tentou se levantar, os pés ficaram grudados na chão, pregados. A morena tinha o olhar brilhante, grandes olhos negros (imaginava, através do embaçado) e mexia com a mão esquerda numa madeixa de cabelo que descia ao longo do rosto. Enrolava o cabelo com o indicador, depois girava o dedo ao contrário. Tinha as unhas pintadas de roxo, ao menos foi a sensação que teve através do vidro embaçado. De vez em quando ela chegava o rosto junto ao vidro da janela, quem sabe impaciente pela demora. Vai ver o motorista estava lanchando, ainda tinha muita estrada pela frente. O que ela ia fazer em Cambuquira? Teria um namorado, marido, amante. Ou apenas a mãe? Não tinha cara de quem morava em Cambuquira. Ela remexeu na bolsa que devia estar na poltrona ao lado, retirou alguma coisa que ficou fora do alcance da visão. Olhou para fora por um momento e ele teve a sensação de que estava a observá-lo? Por que ele não entrava, o que o detinha? Ela era muito bonita, a mulher mais bonita que tinha visto nos últimos anos. Com isso queria dizer dois anos, desde que a namorada o tinha abandonado. Desde então tinha se retraído, vivendo de amores ocasionais, breves romances de festa, que deixavam ambos melancólicos no dia seguinte. Agora, estava na rodoviária, uma hora adiantado. Uma sorte, por causa da moça na janela.

Levantou-se, caminhou pela plataforma, para lá e para cá e, em dado momento, teve a certeza de que ela o acompanhava com o olhar. E se ao entrar no ônibus ele descobrisse que ela não era tão bonita, a visão pelo vidro embaçado atrapalhava? Estava vendo um rosto, mas na verdade podia ser outro. Acontecia muito com ele, imaginar uma coisa e descobrir que a realidade era outra. Sua cabeça costumava viajar. E se ela não estivesse prestando atenção na revista e sim nele? Imagine! Há quanto tempo sonhava ser admirado por alguém, de repente, uma dessas coisas que acontecem em livros e filmes e novelas? O motorista do ônibus voltou, ficou junto à porta, surgiram duas velhas, um casal, quatro jovens barulhentos, uma mulher sozinha, na casa dos 50 anos, dois homens maduros, de terno e gravata. Os jovens barulhentos foram ao fundo do ônibus, pararam diante da moça da janela, disseram alguma coisa, mas ela não tirou os olhos da revista. Apenas sorriu. O que teriam dito? E se entrasse no ônibus e enfrentasse aqueles moleques? Ela gostaria de se ver defendida? Mas, e se não tivessem ofendido? E se ela tivesse gostado de um galanteio, elogio, uma frase qualquer, por mais vulgar que fosse? Como saber o que pensa ou do que gosta uma mulher? O motorista buzinou, fechou a porta, buzinou uma vez mais, esperou meio minuto. Ele olhava para a janela e quando o ônibus partiu ela deu um aceno e com as mãos abertas fez um gesto que bem podia significar: por que não veio? O que esperou? Ou não fez o gesto para ele? Estava apenas desentorpecendo as mãos endurecidas pelo frio? O ônibus seguiu reto e ele ficou olhando para as lanternas vermelhas e o grande cometa pintado na traseira, marca da empresa.